

Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série
NÚMERO 22

Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade
Guimarães, 20 de Dezembro de 1930

Redacção e Adm.: P. D. AF. HENRIQUES, 11.
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

Raúl Brandão

Poema de Humildade

A minha consoada
de pobreza

No tumulto acidentado da vida social de nossos dias, embora acolhida com surprezo compungimento no lar dos artistas e dos amantes das letras, a notícia da morte do escritor insigne não teve, nem foi acompanhada de nervosas, rápidas mas justas palavras de sentimento e consagração, a que a memória do seu génio e do seu labor conquistara direito. Mas eu espero, estou convencido, até por que sei empenhados alguns fiéis admiradores do eminente artista, que em breve ao seu nome se prestará a homenagem de lutuoso respeito e de perdurável admiração que a sua obra impõe. Raúl Brandão é um artista excepcional, um alto espírito numa forma literária perfeita.

Não cabem nas duas linhas apressadas, com que o "Pro-Vimaranense" se associa ao grande pesar aberto pelo seu falecimento, as razões críticas da sua obra complexa, talvez o motivo da segura misera dos necrológicos com que o vimos descer à sepultura, e em certo modo a atenuam e justificam pela dificuldade suprema de medir o gigante. Porque dentro da sua obra há um mundo infinito de Dor e de Sonho. Sofrem e sonham os humildes, os farrapos, as sombras, a água da chuva, despejada em bâtegas, a gota de água da fonte rústica, a acha de lenha na lareira, o lódo e a migalha. O seu génio perscrutou a alma das coisas simples — e encontrou a grandeza do sonho, a convencional omnipotência das coisas maravilhosas — e topou a tragédia. O Espectro não lhe surgiu ao lado animando-lhe a visão e ditando-lhe a frase — ele era a sua própria alma animada de ternura; sufocada, dilacerada pela certeza dos mais obscuros dramas de cada hora e de cada trapo de vida, que o sol gargalha de luz e na treva da noite se estorcem em vãos lamentos carpintes. Mas, neste sonambulismo, verdadeiramente característico da sua feição literária, há dois contrastes muito singulares — o poder de fixar em períodos claros, sóbrios, perfeitos, com elegante clareza e profunda acuidade, a densa nebulosa do Sonho e da Dor; e a maravilha pictória, inegalável

Fujo à cidade e depois
Procuro asilo na serra:
Tenho uma junta de bois,
Vou lavar a minha terra.

A' terra, tão boa amiga,
Hei-de amá-la com paixão.
Que Nossa Senhora diga:
— "Das pedras te nasça pão!"

"O trigo te cresça tanto
Que te chegue e que te sobre,
"Para que enchugues o pranto
"De alguma casa mais pobre.

Tudo o que sobra, o que resta,
Se deve dar com amor.
Quem dá aos pobres empresta
A Deus, a Nosso Senhor!

A fonte dá-nos a água
Mais pura e mais transparente:
— Olhai que a água das fontes
É' como as almas da gente.

Na casa tecto de palha,
A trave um pinheiro ao meio:
Na mesa em alva toalha
Pão de trigo e de centeio.

Não são precisas as telhas
Para mais do que de enfeite,
E o meu rebanho de ovelhas
Dá-me o vestido e o leite.

Se houver por lá doentinhos
Dar-lhes-hei leite a contento:
Tenho pouco... Os pobresinhos,
Vivem com pouco alimento.

O maioral há-de ser novo,
Um garoto, um rapazinho,
Ou então, de todo o povo,
Hei-de escolher o mais velho.

Comprarei um cão de lobos
Que andar sempre comigo:
Não porque lá haja roubos,
Para ter mais um amigo...

entre nós, dos seus descritivos. Este escritor compôs a paisagem das almas e a paisagem da natureza. Traçava a carvão e a óleo. Pintava a carvão e a óleo. Com o carvão torturava-nos o espírito a ponto de ser necessário interromper a leitura para dominarmos os nervos arrepiados. A óleo deslumbrava-nos de côr e nossos olhos instintivamente fechavam-se cegos de tanta luz. Como força

A' noite, junto à lareira,
Ao pastor e ao velho abade,
Hei-de falar da cegueira
Da gente má da cidade...

É o abade, um santo homem,
Assombrado e comovido,
Pedirá a Deus que tomem
O bom caminho perdido.

* * *

Aquela môça de aldeia,
Que eu conduzir ao altar,
Há-de trazer-me à ideia
Desejos de lhe rezar!

Fôste a escolhida e parece,
Assim Deus seja comigo,
Que se passas reverdece
Tôda a ceara de trigo.

Amei-te só de me olhares,
O coração...
Deus faz as almas aos pares,
Fez a tua e fez a minha.

Como em lendas milagrosas,
Pela várzea, lés a lés,
Brotam cardumes de rosas
Aonde tu pões os pés!

O nosso amor é tão puro,
Tão cá de dentro da gente,
Que de olhar tanto o futuro
Já me parece presente...

Vão passados alguns anos,
Um filho meu ao teu colo,
Há-de ser nos desenganos,
O nosso amparo e consôlo.

Ao depois, já nem a morte
Desunirá comovida:
Dois corações cuja sorte
Se uniu assim para a vida!

Américo Durão.

Para a segunda edição do
"Poema de Humildade."

dinâmica, que o arrastava, um grande amor — a bondade nervosa e discreta; como fundo de cultura — a paixão da natureza, dos humildes, da liberdade.

Aguardemos outra hora mais tranqüila, mitigada a dor pela sua morte, para relermos algumas páginas imortais.

Eduardo d'Almeida.

B.

Esta quadra decorrente do Natal aos Reis, é uma das mais vivas e variadas sob o aspecto da credence popular.

Nas práticas de corrente usansa, que se observam e o povo na sua maior pureza de religiosidade e respeito interpreta, segundo as ensinanças velhas vindas de velhos tempos, desde o presépio, representação esclarecida ao seu entendimento, da origem e início do Creador e da fábrica de todo o mundo, até o cantar das Janeiras e Reis, a ligação religiosa faz-se verdadeiramente e em grande monta com a superstição.

Anda o amor, o respeito a Deus, a alegria das consoadas, a caridade pelo próximo, pelos desgraçados, pelos famintos, irmãos mais achegados de Cristo, a lembrança das almas pelas almas ausentes e pelas fugidas deste mundo, levadas pelo sopro da morte, anda tôda esta crendice da superstição da vida, ao medo do dia a dia, a engrenagem complicada de um viver pobre e humilde, que mais estremece no seu desconforto, temendo o cortejo inverneiro, trovões e ventos, e arreando todas as sombras, palpitando no arranjo do lume novo, no amanho do canhoto para as trovoadas e das migalhas para as almas, mesa sempre posta até o badalar para a missa do galo...

Anda por outro lado a poesia religiosa emparelhada com a profana.

Os cantos ao Deus Menino vão de seguida encontrar-se com as mais variadas e bizarras cantorias das Janeiras e Reis, que perderam a essência mística de alguns laivos devotos e são hoje de correnteza banal.

Toda essa poesia de sentimento religioso está hoje apagada em parte. Os cantos dos Reis e Janeiras, variados em forma e ao geito do corrente andar, com modificações, adaptação e variantes introduzidas, são tão diversos nos moldes primitivos como o desvio que deram à sua significação de pureza e de respeito.

E se os cantos ao Deus Menino ainda conservam um certo sabor cristão, é por se cantarem junto aos presépios, anunciarem de anjos por detrás das nuvens algodoadas, que pairam em amarras por cima dos animais sagrados que bafejam o Menino nas palhinhas do seu berço.

O nosso povo é ainda assim muito crente e muito bom... É o que vale para segurar o mundo.

Ecos. Notícias. Comentários.

O Natal e a Caridade — eis um magnífico assunto. Estivemos tentados a tratá-lo em longo e arrebicado artigo. Desistimos, porém. Se dissessemos o muito que sentimos quando juntamos essas duas palavras, cairia sobre nós a excomunhão de quasi tôdas as pessoas caritativas...

A caridade...

Há neste mundo muita mentira, muita hipocrisia!.

*

Causou sensação a publicação das entrevistas que fizemos com o sr. vereador dos impostos e com o sr. presidente da direcção da Associação Comercial. O assunto — *impostos* — teve sempre o condão de fazer vibrar as massas (as massas *multidão* e as massas...). Enfim... Decorre agora mais serenamente o debate. Ainda bem. Às vezes, mesmo, estas coisas acabam de maneira muito diferente da que pode imaginar-se...

*

Do «Diário de Guimarães» no «Comercio do Porto»:

«A romaria da Santa Luzia, cuja imagem se venera na sua capelinha à rua de Francisco Agra, e que costuma ser muito concorrida, teve este ano, no seu dia, pouco movimento.

Ainda assim, as doceiras fizeram bom apuro com a venda dos «brindes» para os namorados, tradição que, às vezes dá motivo a ditos equívocos, desculpáveis, talvez, nas pessoas humildes e sem cultura, mas imperdoáveis em alguns daqueles que pretendem de Paris ou dos ribeiros de Guimarães.

Um velho costume muito apreciado no tempo dos nossos pais e avós é certo, mas que perdeu a graça e o chiste desde que os ingenuos galanteios deram alternativa a frases picarescas, pondo a descoberto uma mentalidade a pedir muito puchão de orelhas e muita força de palmatoria.

E porque não?!

Lá dentro, na antiga e pequenina capela, os crentes a implorarem a protecção da milagrosa Santa Luzia, e, cá fóra no arraial, outra «Santa Luzia» a aquecer, com toda a força, as manápolas daqueles para quem a cortezia e a correcção são letra morta em palavras vãs.

Ainda bem que a chuva, e não a polícia, que, às vezes parece sofrer de miopia e trazer algo desafinada a trompa de Eustachio, ali, por volta das nove horas da noite, poz tudo em debandada, levando no enxurro «passarinhos» e «sardõesinhos».

Foi tudo por agua abaixo:

Não escapou nem um unico par de «espozados».

Tudo a boiar na grande velocidade.

Abençoada chuva!.

*

Ainda do mesmo:

«Falemos, e pela ultima vez, da funerea luz do Toural.

A luz do Toural!...

Lá estão, todas as noites, os doze globos, em volta do «Conquistador», dando a impressão duma duzia de merencoreos gatos-pingados!

Que tristeza e que desventura da terra esta!

Guimarães tão linda, tão orde-

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

Algumas propostas notabilíssimas do Dr. Eduardo d'Ameida

(Continuação)

Para dar também realidade à proposta acerca da criação do Instituto de Educação Feminina, no caso de vir a ser por vós aprovada, lembro a conveniência de se redigir o pedido ao Ministério da Instrução e expô-lo nesta Sociedade à assinatura pública, para depois ser pessoalmente entregue às autoridades competentes por uma delegação expressamente enviada a Lisboa por esta Sociedade.

*

Pelo Dec. n.º 18.769 de 18 de Agosto findo foi determinado que os documentos manuscritos de merecimento histórico, bem como os móveis e livros que forem adequados, do Arquivo das Congregações Religiosas, sejam recolhidos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. O art. 3.º dispõe: «Os livros serão distribuídos pelas Bibliotecas Nacionais de Lisboa e Maфра e pelas bibliotecas regionais que os comportarem, segundo o plano estabelecido pela Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Eruditos, no prazo de três meses a contar da publicação deste decreto. § único: Os livros sobranes, bem como os repetidos, poderão ser atribuídos, mediante despacho do Ministério da Instrução Pública, aos institutos de investigação ou ensino que assim o requererem, justificando o objecto do pedido.»

Tenho, por isso, a honra de propôr se represente imediatamente ao Ministério da Instrução pedindo para sermos contemplados com alguns dos mencionados livros, instruindo-se esse pedido com a remessa de um exemplar da *Romagem dos Séculos* e das *Beatas do Chapéu*, que são edições desta Sociedade.

Igualmente devemos solicitar dos Ministérios do Comércio e da Agricultura a cedência a esta Sociedade das publicações e boletins que interessem ao comércio, à indústria e à agricultura, fazendo o mesmo pedido ao Ministério da Instrução sobre as publicações e boletins a instrução respeitantes.

*

Em sessão de 9 de Julho de 1922 — já lá vão decorridos oito anos! — propunha: «Inteiramente confiado em que trinta anos de trabalho justificam, sem carência de recurso a quaisquer outras palavras, com o nosso desejo, por tantas vezes manifestado, de continuarmos na investigação de factos e ocorrências que respectivamente à nossa passada, a posse dos elementos necessários para essa árdua mas útil tarefa, tenho a honra de propôr se peça ao Governo, por intermédio dos Ministérios da Justiça e da Instrução:

1.º que sejam confiadas à guarda da Sociedade Martins Sarmiento aquelas colecções a que se refere o dec. 3.286 de 11 de Agosto de 1917 e que pertencem ao concelho de Guimarães, como sejam:

- cartórios dos hospitais, confrarias e misericórdia do concelho na parte desnecessária à sua administração;
- cartórios paroquiais do concelho;
- cartórios notariais do concelho;
- processos-crimes, cíveis e orfanológicos, dados por findos antes dos últimos trinta anos;

2.º um subsídio destinado à arrumação, ordenação e catalogação desses documentos e a instalá-los convenientemente, prontificandose, todavia, a Sociedade a fazê-lo até os recursos do Estado permitirem a cedência dessa verba.»

Estimulado pelo bom acolhimento dado a essa proposta não só pelos meus consócios, como pela gente ilustrada, na sessão solene de 9 de Março de 1923, a renovei com esperanças confiança ante o representante da nossa Câmara Municipal, que, em nome desta, nos ofereceu e prometeu todo o seu valioso auxílio, chegando assim a sorrir-nos a ideia da criação de um Arquivo Municipal, de que seria bem digna pela sua história e pelo antigo e nobre lugar que ocupa na História de Portugal a cidade de Guimarães.

Não perco tempo em estéreis lamentações, mas não me escondo de confessar que não é das menores máguas, que o exercício do meu cargo me tem dado, ver o menosprezo a que tam simples iniciativa, tam fundamentada e justa, de facilíssima realização, e sem encargos alheios, foi lançada.

Embora! Não desanimo. Renovo a hoje, frizante e claramente, e renovo-a no propósito de que seja cumprida.

Para isso proponho:

que o nosso illustre colega na direcção Alberto Vieira Braga fique encarregado de redigir a exposição aos respectivos Ministérios para a execução da mencionada proposta, com as modificações que entender razoáveis e oportunas, como seja o esclarecer que dos cartórios paroquiais apenas desejamos os seguintes livros:

- de usos e costumes;
- registo dos testamentos;
- visitações;
- do sub-sino;

não pedir o cartório da Misericórdia, pois sou informado de que esta benemérita instituição o tem condignamente arrumado e dêle se está servindo para a publicação de documentos relativos à sua história; ampliar para cinquenta anos o prazo dos processos cíveis, crimes e orfanológicos, ou de harmonia com o que por mais útil se entenda no Ministério da Justiça;

(Conclui na página 3).

Ecos. Notícias. Comentários.

ra, tão trabalhadora, sempre em dia com as suas contribuições, com tanto bragal e com tanto dinheirinho ao canto da burra, que, se todos lhe tivessem amor, podia e devia, por tudo e por tudo, ser um autentico janota, um verdadeiro e irrepreensível *smar*, sempre com a mesma fatiota, sempre com a eterna farpela!

Que *modéstia*, santo Deus!

Mas morra o conto.

História victória, acabou-se a história.»

Este Jerónimo Sampaio é o diabo!

*

Liceu central, unidade militar, escola industrial, turismo, instituições de assistência e beneficência, prostituição, acção administrativa local, teatro novo, teatro velho, largos e ruas, vagabundagem, mendicidade, bairro económico, policiamento, higiene, águas, saneamento, tuberculose, condições em que vive o operariado, salários, vida cara, alimentação, estatuas, integridade do concelho, etc., etc., etc...

Tudo isto apresentamos, na quadra que passa, ao esclarecido espirito dos nossos queridíssimos leitores, para que meditem um pouco sobre as agruras do mundo...

*

Decorreram renhidas as últimas eleições para os corpos gerentes da Associação Artística Vimaranesa. Frequência extraordinária, entusiasmo ardente. Duas listas — uma dos de gravata, outra dos sem gravata. Declaramos não perceber nada desta distinção, mas assim a ouvimos fazer...

¿E se houvesse mais serenidade?...

Mas adiante. Que os vencedores honrem os cargos para que foram eleitos. E, em especial, a Manuel Alves de Oliveira, os nossos cumprimentos.

E aos vencidos também, pois demonstraram plenamente ser pessoas com quem se tem de contar.

*

Os rapazes do Liceu fizeram figura, há que reconhecê-lo. Poucos e muito verdes ainda, dêles se esperava muito menos. Pois agüentaram-se lindamente no balanço, sem envergonhar a tradição. As Nicolinas puderam vêr-se. A entrada do «pinheiro» deixou a perder de vista outras, feitas por barbados. As *posses*, o costume. As *maçãs*, coisa catita. O *pregão*, uma maravilha literária que o recitador não estragou completamente. As *danças*, cheias de espirito, o espirito do Heitor d'Almeida, e de desafinação.

Eis, em resumo, o que foram as Festas.

Parabens aos moços — e que os dias de estúrdia se não reflitam lamentavelmente nas notas do primeiro período...

*

Delfim Guimarães andava um bocado amuado e porisso arredado do convívio dos leitores deste jornal. Voltou e continuará com o brilho de sempre. Com o que nos regosijamos, felicitando todos os que tem o prazer de o ler.

Este número foi visado pela comissão de censura.

Ecos. Notícias. Comentários.

Grande discussão por causa da pretendida zona de turismo em S. Torcato.

Em tempos, no nosso segundo número, foi publicada uma local em que se defendia a criação dessa zona. Essa local, porém, não era da redacção. Devemos declará-lo agora, porque alguém nos escreve perguntando se concordamos com os que proclamam a necessidade e as vantagens de tal zona de turismo. Ora nós não concordamos absolutamente nada. Achamos que seria uma coisa infelicíssima.

Concordamos, sim, com as razões expendidas por Alfredo Pimenta em artigo publicado em «A Voz».

Ei-las:

«A senhora Irmandade de S. Torcato e a senhora Junta Geral do Distrito querem que S. Torcato seja zona de turismo.

Diz a Junta Geral que o local é nitidamente bucólico. De acordo. Mas se vamos a considerar zonas de turismo todos os locais nitidamente bucólicos, é um nunca acabar neste Minho de delícias visuais, com seus vales frondosos e seus horizontes de mistério. E para se admirar o bucolismo de S. Torcato e suas vizinhas, do que todos nós precisamos é de caminhos bons e de estradas de geito. Para S. Torcato, há uma boa estrada. Mas as freguesias que a circundam, essas quasi são servidas apenas por côrregos apocalípticos. Convido a senhora Junta Geral do Distrito a fazer-lhes uma visita.

A verdade sem bucolismos nem citações de malho dá isto apenas: S. Torcato é uma freguesia com 1.700 habitantes 440 e tal fogos, essencialmente agrícola, e, dum modo geral, pobre, como, por via de regra, as freguesias rurais do Minho. Tão pobre, que nunca conseguiu sustentar um médico nem sequer uma botica. O comércio naquela freguesia, está reduzido a três tabernas e 2 lojecas de mercearia. Não há uma padaria de pão de trigo; não há um estabelecimento de carnes verdes, isto a que se chama um talho.

S. Torcato, o S. Torcato de que se fala, nos jornais e nas conversas, só existe duas vezes no ano: nos dias das suas romarias. Nesses dias, S. Torcato existe. Enche o local do Santuário uma vasta multidão ruidosa e policrômica, vinda de toda a parte da região intermurensense.

E' isto bastante para se criar em S. Torcato, uma zona de turismo?

Uma zona de turismo em S. Torcato redundará tão somente em sacrificios inúteis para os contribuintes da região afectada. Será zona de turismo para os novos encargos tributarios que irão agravar a já dificultosa vida agrícola desta gente, sem vantagem para ninguém — nem para o Santuário, nem para a freguesia, nem para os turistas.

Se a senhora Irmandade deseja beneficiar S. Torcato, e acho magrífico que o faça, comece pelo principio. Comece, por exemplo, por dar iluminação de geito à freguesia, restaurar os caminhos que das freguesias envolventes para ela se dirigem, etc. Isto sim; isto deve pedir-se; para isto é justo fazer sacrificios. Agora, criar uma zona de turismo onde

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

(Conclusão)

pedir também a entrega de uns documentos antigos, que se encontram, e talvez muito casualmente, na Repartição de Finanças dêste concelho e pertenceram, creio, ao convento de Santa Clara; bem como do arquivo da extinta administração do concelho; que essa exposição seja entregue pela comissão que tem de ir a Lisboa por causa do Instituto de Educação Feminina.

*

Outras propostas tencionava apresentar, mas, com melhor conselho e mesmo porque os estou já fatigando excessivamente, reservo-as para melhor oportunidade. Elas dizem respeito ao aproveitamento da casa de Martins Sarmiento, em harmonia com as disposições testamentárias do eminente sábio, e das quintas herdadas de D. Maria Sarmiento, segundo também o seu testamento, que é um imperativo dever de honra, além de obrigação jurídica, para esta Sociedade iniludivelmente cumprir, e portanto apenas alvitro, estudado e reflectido, quanto à forma dêsse cumprimento.

Apraz-me registar a devoção com que alguns dos nossos colegas como Francisco Martins e Alberto Braga se teem empenhado para a solução da entrega daquela casa a esta Sociedade e para que nela se conservem como augusta memória, o quarto e o gabinete de trabalho de Sarmiento, bem como a natural regularidade com que estão decorrendo os serviços da catalogação e arrumação, tanto do Arquivo da Colegiada, ao cuidado meticoloso de João Lopes de Faria, como da Biblioteca, sob a criteriosa direcção do dr. Augusto Cunha, e a fundada esperança de que prossigam as investigações arqueológicas na Citânia de Briteiros.

não há nada que chame turistas — fora dos romeiros dos dois domingos da romaria pequena e da romaria grande, atirar para dentro dessa zona com freguesias como Aldão, S. Lourenço de Selho, Gominhões, Atães ou Gonça que teem belezas naturais é certo, mas não belezas especiais; fazer uma zona de turismo quando não há nem em Braga, nem em Guimarães comodidades para turistas — parece-me, desculpem-me as senhoras Irmandade de S. Torcato e Junta Geral do Distrito, uma insensatez. O proprietário destes sitios vive vida de angustias. Não vamos nós torná-la mais difícil ainda com mais encargos tributarios.»

*

A todos os nossos leitores, assinantes, anunciantes e colaboradores desejamos Boas-Festas.

Sociedade de Defesa e Prop. de Guimarães

Realizou-se ontem, na sede da Comissão de Turismo, para esse fim gentilmente cedida, a Assembleia Geral da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, convocada para apreciar o relatório e as contas da transacta direcção e eleger os novos corpos gerentes para o ano de 1931.

Compareceram bastantes sócios, tendo o relatório e contas sido aprovados por unanimidade. O nosso director comunicou a sua resolução inabalável de abandonar a direcção dêste jornal, apontando, embora ligeiramente, os motivos dessa resolução.

Para o novo ano foram eleitos, quasi por unanimidade de votos:

Para a Assembleia Geral. Presidente, Duarte Ferreri Gusmão de Sousa Fraga; Vice-Presidente, José Luis de Pina; 1.º Secretário, Dr. José Pinto Rodrigues; 2.º Secretário, Armando de Sousa Andrade.

Para a Direcção. Presidente, António Lopes de Carvalho; Vice-Presidente, António José Pereira Rodrigues; 1.º Secretário, Dr. Francisco Pinto Rodrigues; 2.º Secretário, Dr. Fernando José

da Silva; Tesoureiro, Alfredo José de Sousa Felix; Vogais: Armando Humberto Gonçalves, Avelino Faria Guimarães, Manuel Alves de Oliveira, Torcato Mendes Simões.

Para o Conselho Consultivo. Dr. António do Amaral, Dr. José Pinto Rodrigues, Dr. João de Faria Martins, Dr. João de Oliveira Bastos, Dr. Isaias Vieira de Castro, Abel Cardozo, Dr. Francisco Moreira Sampaio.

Para a Comissão de Propaganda. A. L. de Carvalho, Dr. José Pinto Rodrigues, António de Faria Martins, Joaquim Alberto César, Eduardo Passos, Alberto Vieira Braga e Manuel Alves de Oliveira.

A cidade e o concelho de Guimarães devem inúmeros e intermináveis serviços à Sociedade de Guimarães. E' natural que muitos os desconheçam. Nesta terra tudo é natural... Mas a verdade é que a Sociedade tem feito, em dois anos, mais por Guimarães, de que todos os encartados baírristas que só sabem andar pelas esquinas a deprimir e maisinar o honesto e laborioso trabalho alheio.

Fazemos ardentes votos por que os novos corpos gerentes se desempenhem das suas funções sem grandes contrariedades e consigam vencer todos os obstáculos que encontrem no seu caminho.

João Lopes de Faria

Um dos membros do Governo da República, cremos que o sr. Ministro do Comércio, propôs fosse condecorado com a Ordem de S. Tiago da Espada o nosso bom amigo e ilustre colaborador João Lopes de Faria.

Trabalhador incansável, Lopes de Faria tem carreado inúmeros materiais para o edificio da nossa história local. Rebuscador e investigador pacientissimo, a êle se deve o conhecimento de muitas particularidades que escaparam aos mais cuidadosos historiografos. Notável, principalmente, o seu trabalho nos arquivos da Colegiada e da Câmara.

Regosijamo-nos com a homenagem que lhe é prestada.

«Pro-Vimarane»

Há dias no «Comércio do Pôrto», correspondência de Guimarães, lia-se o seguinte:

«O «Pro-Vimarane», que com tanto brilho e entusiasmo vinha combatendo pelos interesses da nossa terra, convencido de que é baldado esforço e trabalho mal correspondido, resolveu suspender a sua publicação.

Mais um combatente que desapparece!

E' realmente pena, mas, para sermos sinceros, devemos confessar que foi um grande alívio para aqueles que não vêem com bons olhos quem pugna pelo engrandecimento da nossa terra.

Todos ou quasi todos, concordavam com a baírrista campanha do «Pro-Vimarane», mas eram raros os que pagavam a pólvora e em grande número os que contribuíam com buchas ou seja com a imperdoável devolução dos recibos da assinatura que aceitaram.

Assim, francamente, não se pode combater.

Assim... era uma vez um teatro novo... a remodelação do velho D. Afonso Henriques... os quatro monumentos e etc. etc.

Acabou-se, não vale a pena falar mais nisso. Sinto o desaparecimento do «Pro-Vimarane». Faz falta.»

Não está bem informado o sr. correspondente. «O Pro-Vimarane» não desaparece. O que há é o seguinte:

Acabando por êstes dias o seu mandato a actual Direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda, de que êste jornal é órgão, entende a pessoa que o dirige ser chegada a hora de se afastar de um posto onde só tem recebido desgostos, desenganos, contrariedades e coisas semelhantes.

Indiferentismo, comodismo, hipocrisia reles, baixos sentimentos, caracteres apodrecidos, almas feitas de lama, de tudo isto há muito por esta terra tam desgraçada e tam digna de melhor sorte.

Tôdas as lóas que por aí se cantam, proclamando amor baírrista; são falsas e mentirosas, como Judas. A grande verdade é esta:

Os vimaranenses não sabem, nunca souberam, reconhecer os serviços de quem por êles, isto é, pela terra dêles, se esforça e luta. Não sabem, nunca souberam, não querem, nunca quiseram fazer sacrificios, pequenos embora.

Teem o que merecem.

Tudo o que por aí se vê, toda esta vida miserável e ignóbil em que vegetamos é obra dos cidadãos de Guimarães, e só dêles.

Vamos embora. Com nójo e sem saúdaes!...

Desejam um chapéu elegante?

Vão à CASA DAS GRAVATAS.

CASA DAS GRAVATAS

DIAS & CARVALHO, LIMITADA

Sortido completo de artigos de camisaria e chapelaria. Lãs, calçado de agasalho e um grande sortido de casacos de malha, nas cores mais variadas e modernas.

VISITEM ESTA CASA!

Oliveira & Silva, Sucessor

28, Praça D. Afonso Henriques, 31

GUIMARÃES

Panos para casacos, tecidos de lã para vestidos, Lãs dos Pireneus, veludos lisos e fantasia.

Peles, lã em fio, luvas

CASA HIGH-LIFE

MODAS CAMISARIA GRAVATARIA

Luvas, colarinhos, meias, peúgas, perfumarias, sêdas, sultanas, foulares, crêpes, setins, artigos de bordar, tecidos de lã lisos e fantasia, malhas, rendas, echarpes, véus, miudezas diversas, bôlsas, castúres, sombrinhas em cores e preto, bretanhas e muitos mais artigos de que só nesta casa se encontra um grande sortido a preços muito reduzidos. **SEMPRE NOVIDADES. VENDAS SÓ A DINHEIRO.**

V A G O

Papelaria — Perfumarias — Tabacos
Gramofones e discos — Radiotelefonía
Papeis de embalagem — Fio — Papelão

CASA IDEAL

JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30—Telefone 181—GUIMARÃES

CASA DE SANTA TERESINHA

122, Rua da República, 122-A
GUIMARÃES

Papelaria e Livraria — Artigos religiosos — Objectos de escritório
Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.ª Comunhão, Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários, Pias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

ALFARIATARIA DE RIBEIRO, FILHO

participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber um enorme sortido de artigos de inverno, em lindos padrões.

Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.

9, Largo da Misericórdia, 10 — Telefone 177 — GUIMARÃES

V A G O

CASA REBELO

117 — Praça D. Afonso Henriques — 118

GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos

próprios para a estação de inverno.

a preços baratíssimos.

Fazendas brancas e miudezas.

Visitem esta casa

CASA MARTINS

A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para *Senhora, Homem e Criança*. Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percais para Camisas. Gravatas, Chapeus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Calçado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

Bom, Bonito e Barato.

Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

Francisco Ribeiro de Castro

Papelaria e objectos de escritório — Perfumarias — Tabacos
Representante em Guimarães e norte de Portugal das Caneitas Conklin - Endura

Casa das Novidades Rua da República, 103-A e 105-A Rua Gravador Molarinho, 1 e 3	Artigos fotográficos Telefone n.º 149 GUIMARÃES	Papelaria Central FILIAL Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13
--	---	---